

STEPHEN KING

THE SHINING

A CASA DO HORROR

Tradução de
MARIA FILOMENA DUARTE



PARTE I

QUESTÕES PRELIMINARES

A ENTREVISTA

Jack Torrance pensou: *Homenzinho servil e desprezível.*

Ullman não tinha sequer um metro e sessenta de altura, e quando se mexia era com aquela rapidez afetada que parece ser apanágio exclusivo dos homens pequenos e roliços. O risco no cabelo era impecável e o fato de cor escura era sóbrio mas confortável. Sou uma pessoa a quem podem expor os seus problemas, dizia aquele fato aos clientes que largavam o seu dinheiro. Para com os colaboradores assalariados o tom era mais rude: Vocês aí, o melhor é portarem-se bem. Usava um cravo vermelho na lapela, talvez para que ninguém que encontrasse Stuart Ullman na rua o confundisse com o cangalheiro da terra.

Enquanto ouvia Ullman falar, Jack admitiu que provavelmente não teria gostado de ninguém que estivesse sentado do outro lado da secretária... nas atuais circunstâncias.

Ullman fizera-lhe uma pergunta que ele não percebera. Isso era mau sinal; Ullman era o tipo de pessoa que reteria na memória lapsos semelhantes para mais tarde voltar a pensar neles.

— Como disse?

— Perguntei se a sua mulher compreendeu inteiramente o que você viria fazer para aqui. E há também o seu filho, é claro.

Ullman olhou para o formulário que tinha na frente.

— Daniel. A sua mulher não se sente um pouco assustada com a ideia?

— A Wendy é uma mulher extraordinária.

— E o seu filho também é extraordinário?

Jack sorriu, um grande e largo sorriso de relações públicas.

— Pelo menos agrada-nos pensar que assim é. Para uma criança de cinco anos, tem bastante confiança em si própria.

Ullman não retribuiu o sorriso. Fez deslizar a ficha de Jack para o interior de uma pasta, que por sua vez enfiou numa gaveta. Em cima da secretária havia apenas um mata-borrão, um telefone, um candeeiro e um cesto para correspondência, que também estava vazio.

Ullman levantou-se e encaminhou-se para um ficheiro que havia a um canto.

— Chegue aqui, se não se importa, senhor Torrance. Vamos dar uma vista de olhos à planta do hotel.

Pegou em cinco grandes folhas de papel e estendeu-as em cima do tampo reluzente da secretária de nogueira. Jack ficou a seu lado, muito atento ao aroma da água-de-colónia de Ullman. A frase *Todos os meus homens devem usar English Leather, ou mais vale não usarem nada* veio-lhe à mente, sem qualquer motivo, e teve de prender a língua entre os dentes para evitar um ataque de riso. Do outro lado da parede vinham os sons abafados da cozinha do Hotel Overlook, onde se faziam os preparativos para o almoço.

— Este é o último andar — disse Ullman bruscamente. — O sótão. De momento, não há lá absolutamente nada a não ser bricabraque. Desde a Segunda Guerra Mundial que o Overlook mudou de mãos várias vezes e parece que todos os gerentes mandam para o sótão tudo o que não lhes agrada. Quero lá ratoeiras e veneno espalhados por todo o lado. Algumas criadas no terceiro andar dizem que têm ouvido barulhos esquisitos. Não acredito nisso, nem por um instante, mas

não deve haver sequer uma possibilidade em mil de existir um único rato no Hotel Overlook.

Jack, que imaginava que em todos os hotéis do mundo haveria um ou dois ratos, não disse nada.

— É claro que não deverá nunca permitir que o seu filho vá ao sótão.

— Não, claro — disse Jack, disparando de novo um grande sorriso de relações públicas.

Pensaria este homenzinho desprezível que ele deixaria que o filho andasse a vaguear por um sótão cheio de ratoeiras, de móveis velhos e sabe-se-lá mais o quê?

Ullman pôs de lado a planta do sótão e enfiou-a no fundo da pilha.

— O Overlook tem cento e dez aposentos para hóspedes — disse, com ares de mestre-escola. — As suítes, trinta ao todo, ficam aqui no terceiro andar. Dez na ala ocidental (incluindo a Suíte Presidencial), dez ao centro, e dez na ala oriental. Todas possuem vistas magníficas.

Não poderias ao menos poupar-me à converseta de vendedor?

Mas Jack manteve-se em silêncio. Precisava do emprego. Ullman pôs a planta do terceiro andar no fim da pilha, e começaram a estudar a do segundo.

— Quarenta quartos — disse Ullman. — Trinta duplos e dez individuais. E vinte de cada no primeiro andar. Além de três roupeiros em cada andar e de um quarto de arrumações no extremo oriental do hotel, no segundo andar, e no extremo ocidental, no primeiro. Tem alguma pergunta?

Jack abanou a cabeça. Ullman pôs de lado as plantas do segundo e do primeiro andar.

— Agora, o rés do chão. Aqui ao meio é o balcão da recepção. Atrás fica o escritório. O átrio mede trinta e cinco por trinta e cinco metros contados do balcão. Aqui, do lado direito, fica a

sala de jantar do Overlook e o Salão Colorado. O salão de banquetes e o salão de baile ficam do outro lado. Tem alguma pergunta?

— Só acerca da cave — respondeu Jack. — Para o guarda de inverno é o piso mais importante. Onde se desenrola a ação, por assim dizer.

— O Watson vai mostrar-lhe tudo isso. A planta da cave está pendurada na parede do compartimento da caldeira.

Ullman franziu o sobrolho de forma ostensiva, talvez para mostrar que, como gerente, não se preocupava muito com esses aspetos comezinhos do funcionamento do Overlook que eram a caldeira e as canalizações.

— Talvez não seja má ideia pôr também algumas ratoeiras lá em baixo. Espere aí...

Escrevinhou qualquer coisa num bloco que tirou da algibeira interior do casaco (*Gabinete de Stuart Ullman*, lia-se em cada folha, gravado a negro), rasgou a folha e atirou-a para o cesto. A folha lá ficou, solitária. O bloco desapareceu no interior da algibeira do casaco de Ullman, como que por magia. Ora vê, ora não vê, Jack. Este tipo é mesmo de peso.

Voltaram à posição original, Ullman atrás da secretária e Jack do outro lado, em frente, entrevistador e entrevistado, o patrão relutante e o empregado suplicante. Ullman cruzou as mãos, mostrando os dedos pequenos e bem tratados, e pousou-as no mata-borrão da secretária. Olhou de frente para Jack. Um homem pequeno e insignificante, com um fato de banqueiro e uma discreta gravata cinzenta. Uma flor na lapela estabelecia o equilíbrio com um pequeno alfinete do outro lado, onde se lia apenas PESSOAL em pequenas letras douradas.

— Vou ser muito franco consigo, senhor Torrance. Albert Shockley é um homem poderoso, fortemente interessado no Overlook, que, pela primeira vez na sua história, teve lucros

durante a atual época. O senhor Shockley também faz parte da direção, mas não é homem para estar num hotel, e seria o primeiro a admiti-lo. No entanto, disse muito claramente o que pretende neste caso. Quer que o senhor seja contratado. E é o que farei. Mas se fosse eu a decidir sozinho, não o faria.

Jack apertou as mãos com força, no regaço, a suar. *Homenzinho servil e desprezível, homenzinho servil e desprezível, homenzinho...*

— Não creio que me dê muita importância, senhor Torrance. Não me ralo. É claro que os sentimentos que nutre por mim em nada me influenciam quanto à minha convicção de que não serve para o lugar. Durante uma época, que decorre de quinze de maio a trinta de setembro, o Overlook emprega cento e dez pessoas a tempo inteiro, tantas quantos os quartos que há no hotel, pode dizer-se. Não creio que muitas delas gostem de mim e desconfio que algumas me acham um patife. Talvez não se enganem na avaliação do meu carácter. Em parte, tenho de comportar-me como um patife para gerir este hotel da maneira que ele merece.

Olhou para Jack, à espera de um comentário. Jack ostentou de novo o sorriso amplo e insultuosamente escancarado de relações públicas.

Ullman prosseguiu:

— O Overlook foi construído entre 1907 e 1909. A cidade mais próxima é Sidewinder, sessenta quilómetros a leste daqui, por estradas que estão fechadas desde fins de outubro ou novembro até abril. O fundador foi um homem chamado Robert Townley Watson, o avô do nosso atual encarregado da manutenção. Aqui ficaram hospedados Vanderbilts, Rockefellers, Astors e Du Ponts. A Suíte Presidencial acolheu quatro presidentes: Wilson, Harding, Roosevelt e Nixon.

— Não me sentiria muito orgulhoso ao pensar em Harding e Nixon — murmurou Jack.

Ullman franziu o sobrolho, mas prosseguiu sem dar importância ao comentário:

— O senhor Watson cansou-se do hotel e vendeu-o em 1915. O Overlook foi de novo vendido em 1922, 1929 e 1936. Manteve-se vago até ao fim da Segunda Guerra Mundial, altura em que foi comprado e completamente renovado por Horace Derwent, milionário, inventor, piloto, produtor de filmes e empresário.

— Já ouvi falar dele — disse Jack.

— Ah, sim. Tudo aquilo em que tocava parecia transformar-se em ouro... Exceto o Overlook. Enterrou aqui mais de um milhão de dólares antes de o primeiro cliente do pós-guerra ter transposto estas portas, e transformou uma relíquia decrépita num local digno de se ver. Foi Derwent que mandou construir o campo de roque que você viu à chegada.

— Roque?

— Um antepassado inglês do nosso cróquete, senhor Torrance. O cróquete é o roque abastardado. Segundo a lenda, Derwent aprendeu a jogar com a secretária e apaixonou-se completamente pelo jogo. O nosso campo de roque é talvez o melhor da América.

— Não duvido — respondeu Jack com um ar solene.

Um campo de roque, uma cerca de buxo aparado com formas de animais. Que se seguiria? Uma casa de bonecas em tamanho natural por trás da casa das máquinas? Estava a ficar farto do senhor Stuart Ullman, mas percebia que este ainda não acabara. Ullman diria tudo o que tinha para dizer, e nem menos uma palavra.

— Depois de ter perdido três milhões, Derwent vendeu o Overlook a um grupo de investidores da Califórnia. A experiência destes com o hotel foi igualmente má. Também não eram pessoas para isto.

— Em 1970, o senhor Shockley e um grupo de sócios compraram o hotel e entregaram-me a gerência. Durante vários anos vi-me aflito, mas posso afirmar com satisfação que a confiança que os atuais donos depositaram em mim nunca vacilou. No ano passado, os encargos igualaram as receitas. E este ano as contas do Overlook apresentaram, pela primeira vez em quase setenta anos, um saldo positivo.

Jack achou que o orgulho deste homenzinho empertigado se justificava e o seu desagrado inicial desvaneceu-se, como que varrido por uma onda.

Disse:

— Não vejo relação entre a história do Overlook, sem dúvida colorida, e o seu sentimento de que não sirvo para o lugar, senhor Ullman.

— Uma das razões pelas quais o Overlook tem dado tanto prejuízo reside na degradação que se verifica todos os invernos. Faz baixar a margem de lucro muito mais do que imagina, senhor Torrance. Os invernos são de uma rudeza fantástica. Para resolver o problema, contratei uma pessoa a tempo inteiro para se encarregar da manutenção da caldeira e manter várias partes do hotel aquecidas, todos os dias e de forma rotativa. Para consertar peças que se partem e proceder a reparações, para que nada falhe. Para se manter em alerta constante perante qualquer contingência. No nosso primeiro inverno, contratei uma família em vez de um só homem. Foi uma tragédia. Houve uma tragédia. Uma tragédia horrível.

Olhou para Jack com um ar frio de avaliação.

— Cometi um erro. Admito-o francamente. O homem era alcoólico.

Jack sentiu que esboçava um sorriso lento e quente — a antítese total do sorriso escancarado de relações públicas.

— Ai sim? Admira-me que o Al não lhe tenha dito. Deixei de beber.

— Sim, o senhor Shockley disse-me que o senhor já não bebe. Também me falou do seu último emprego... Do seu último lugar de responsabilidade, digamos assim. Você dava aulas de inglês numa escola preparatória do Vermont. Perdeu as estribeiras, creio que não preciso de ser mais explícito do que isto. Mas acredito que casos como os de Grady têm uma razão de ser e é por isso que fui buscar o assunto da sua... história anterior para esta conversa. No inverno de 1970-1971, depois de termos abastecido o Overlook, mas antes do início da nossa primeira época, contratei esse... esse infeliz chamado Delbert Grady. Instalou-se nos aposentos que você vai partilhar com a sua mulher e o seu filho. Tinha mulher e duas filhas. Eu alimentava reservas quanto a isso, sobretudo por causa da rudeza do inverno e os Grady ficarem separados do mundo durante cinco ou seis meses.

— Mas isso não é verdade, pois não? Aqui há telefones e possivelmente uma estação de radioamadores. Além disso, o Parque Nacional das Montanhas Rochosas está ao alcance de qualquer helicóptero e, decerto, uma região tão vasta como esta tem um ou dois aparelhos.

— Não sei — respondeu Ullman. — O hotel tem um rádio de emissão e receção que o Watson irá mostrar-lhe, além de uma lista das frequências que deverá utilizar caso precise de auxílio. As linhas telefónicas entre este local e Sidewinder ainda estão de pé, mas quase todos os invernos se avariam num sítio ou noutra e podem ficar assim tanto por três semanas como por um mês e meio. Do equipamento também faz parte um limpa-neves.

— Nesse caso o local não fica isolado.

O senhor Ullman mostrou-se aflito.

— Suponha que a sua mulher ou o seu filho tropeçam nas escadas e partem a cabeça, senhor Torrance. Não acha que, nesse caso, o local fica isolado?

Jack compreendeu onde ele queria chegar. Um limpa-neves, à velocidade máxima, poderia levar hora e meia a chegar a Sidewinder... talvez. Um helicóptero do Serviço de Salvamentos do Parque levaria três horas a chegar ali... se as condições atmosféricas fossem boas. No meio de uma tempestade nunca conseguiria levantar voo, e não se poderia esperar que um limpa-neves atingisse o máximo da velocidade se transportasse uma pessoa gravemente ferida, com temperaturas que podiam ir dos vinte e cinco aos quarenta e cinco graus negativos, se se lhe acrescentasse o fator vento.

— No caso de Grady — disse Ullman — argumentei tanto como o senhor Shockley parece ter feito no seu caso. A solidão em si pode ser devastadora. O melhor é um homem ter a família ao pé. Se surgissem problemas, pensei, seriam poucas as probabilidades de não haver uma cabeça partida, um acidente com uma ferramenta ou qualquer espécie de convulsão. Um caso sério de gripe, uma pneumonia, um braço partido, até mesmo uma apendicite. Para qualquer destes casos haveria tempo suficiente. Desconfio que o que aconteceu foi uma consequência do uísque barato em demasia, do qual Grady se abastecera com abundância, sem eu saber, e de uma situação curiosa a que os antigos chamavam «febre de cabina». Conhece a expressão?

Ullman ostentou um sorrisinho paternalista, pronto a dar a explicação assim que Jack admitisse a sua ignorância. Este ficou satisfeito por poder responder prontamente, com rudeza:

— É um termo em calão destinado a designar a reação claustrofóbica que se verifica quando as pessoas se mantêm fechadas em conjunto durante longos períodos. O sentimento

de claustrofobia manifesta-se sob a forma de desagrado pelas pessoas com quem estamos fechados. Em casos extremos pode dar origem a alucinações e a violência. Já se cometeram crimes por coisas tão insignificantes como um pedaço de carne queimada ou uma discussão sobre quem lava a louça.

Ullman mostrou-se bastante embaraçado, o que fez muito bem a Jack. Resolveu forçar um pouco mais a situação, mas, em silêncio, prometeu a Wendy que manteria o sangue-frio.

— Creio que nesse caso o senhor cometeu um erro. Ele agrediu-os?

— Matou-os, senhor Torrance, e em seguida suicidou-se. Assassinou as meninas com um machado, a mulher com uma espingarda e deu cabo de si próprio da mesma maneira. Tinha uma perna partida. Com certeza estava tão embriagado que caiu pelas escadas.

Ullman esticou as mãos e olhou para Jack com um ar hipócrita.

— Era licenciado?

— Por acaso não era — respondeu Ullman um pouco emperdigado. — Eu estava convencido de que um, como chamar-lhe?, um indivíduo menos imaginativo seria menos susceptível aos rigores, à solidão...

— Esse foi o seu erro — retorquiu Jack. — Um homem estúpido está mais sujeito à febre de cabina, assim como a alvejar alguém por um jogo de cartas ou a cometer um roubo ocasional. Aborrece-se. Quando a neve começa a cair, não há nada para fazer senão ver televisão, jogar sozinho e irritar-se quando não consegue que lhe saiam todos os ases. Não tem mais nada que fazer senão tratar mal a mulher, emburrar com os filhos e beber. Com o silêncio, custa-lhe a adormecer. Então bebe para dormir e acorda com uma ressaca. Fica impaciente. Talvez o telefone se avarie, a antena de televisão caia e não haja nada para

fazer a não ser pensar, aborrecer-se por estar sozinho e impacientar-se cada vez mais. Por fim... Pum... Pum... Pum.

— É então preferível um homem mais culto, como você?

— Tanto eu como a minha mulher gostamos de ler. Estou a escrever uma peça de teatro, tal como Al Shockley talvez já lhe tenha dito. O Danny tem os seus jogos, os livros de colorir e o rádio de cristal. Tenciono ensiná-lo a ler e a usar as raquetes de neve. A Wendy também gostava de aprender. Oh, sim, se a televisão funcionar, creio que poderemos manter-nos ocupados sem andarmos atrás uns dos outros.

Fez uma pausa.

— E o Al foi sincero quando lhe disse que eu já não bebo. Bebi em tempos e o caso poderia ter sido sério. Mas há catorze meses que não bebo nem um copo de cerveja. Não tenciono trazer álcool para cá e não creio que tenha oportunidade de o fazer senão quando a neve acabar.

— Nisso tem razão — disse Ullman. — Mas o potencial de problemas multiplica-se enquanto estiverem os três aqui. Já transmiti isto ao senhor Shockley e ele respondeu-me que assumiria a responsabilidade. Agora disse-o a si e, aparentemente, também você quer assumir a responsabilidade...

— É verdade.

— Muito bem. Aceito-o, uma vez que tenho pouca margem de escolha. Mas, mesmo assim, preferia um rapaz acabado de sair do liceu. Bem, talvez você consiga. Agora vou apresentá-lo ao senhor Watson, que irá mostrar-lhe a cave e os jardins. A menos que tenha mais perguntas...

— Não. Nenhuma.

Ullman levantou-se.

— Espero que não haja ressentimentos, senhor Torrance. Não há nada de pessoal no que acabo de dizer-lhe. Só quero o

melhor para o Overlook. É um grande hotel. Quero que continue a sê-lo.

— Não. Nada de ressentimentos.

Jack voltou a disparar o sorriso de relações públicas, mas ficou satisfeito por Ullman não lhe ter estendido a mão. Ia haver ressentimentos. De toda a espécie.